

Diversão & Arte

Cineasta com o...

...Brasil na cabeça

Morreu, ontem, Arnaldo Jabor, cineasta, cronista, ensaísta e comentarista. O filme inédito *Meu último desejo* será mostrado no segundo semestre de 2022

» RICARDO DAEHN

A morte do Jabor foi uma das mais tristes notícias que recebi, nestes tempos de consternação que atravessamos, o de um Brasil em que está difícil atravessar. Acho que ele morreu de tristeza, de revolta com o que está acontecendo no país, e não é de hoje", observa o diretor paraibano, radicado em Brasília, Vladimir Carvalho.

Do cinema novo, "feito de pessoas extraordinárias", entre as quais Walter Lima Jr, Joaquim Pedro de Andrade, Eduardo Escorel, Paulo César Saraceni e Glauber Rocha, "talvez o poeta mais sensível fosse Arnaldo Jabor", desabafa. Arnaldo Jabor morreu, ontem, no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, depois de complicações decorrentes de um AVC. Na visão de Vladimir (assistente de Jabor nos filmes *Rio, capital do cinema* e *Opinião pública*), o cineasta fez inimigos à direita e à esquerda. "Ele estava acima dessas

coisas. Tinha um agudo senso crítico, não só como cineasta, mas com a grande sensibilidade em termos de tratamento do cinema brasileiro. No jornalismo, Jabor foi militante, no melhor dos sentidos por meio de crônicas que eram extraordinariamente sintonizadas. Sabia do que estava falando e foi uma pessoa que sentia o Brasil, numa postura de lucidez fulminante, além de ser ferino", avalia o autor de *Conterrâneos velhos de guerra*.

Jabor, segundo Vladimir, foi quem o apresentou a possibilidade de executar o cinema direto. À época, se escrevia texto para ser sobreposto às imagens. Não se tinha aparelhagem que acoplassem, simultaneamente, imagem e som. "Ele foi um grande mestre que tive. Nele, havia a espontaneidade e a descontração, nas filmagens. Na ambientação do documentário *Opinião pública*, parecia que Jabor já conhecia tudo dos entrevistados, e ia falando. Era um homem bonito e extraordinariamente natural com seus entrevistados.

O QUE ELES DISSERAM

"Desde minha adolescência assisti a filmes do Jabor, ele faz parte de minha formação como cineasta e produtor. Foi uma felicidade aceitar fazer um filme dele (o inédito *Meu último desejo*), um desafio ter essa figura mítica de grandes filmes, transgressores, de uma potência como poucos, diretor obrigatório de nossa cinematografia. André Montenegro, produtor de *Meu último desejo*, filme de Jabor que estreará em 2022

"Arnaldo pode ser apresentado, por dois cês: era sinônimo de clareza e

de coragem. São duas grandezas que o acompanhavam e ele levou pela vida inteira. Ele se revela, de maneira muito forte, inicialmente no cinema e, em seguida, passa a cronista e jornalista. Falando sobre a classe média, basicamente. No cinema, ele traz a polêmica ao apresentar aspectos do Brasil, da sociedade e do pensamento brasileiros que não eram muito vivos. Coisas que as pessoas não conheciam, ou conheciam de modo inconsciente. Jabor foi um bom conscientizador da sociedade brasileira, além de

Foi o mestre dos mestres, no cinema direto, e ficou uma amizade", comenta.

Olhar de lince

A promoção de um seminário, no início dos anos de 1960, impulsionado por Vinícius de Moraes e Manuel Diegues (pai do celebrado cineasta Cacá), a partir do nascimento do Cinema Novo, trouxe ao Brasil o diretor sueco Arne Sucksdorff. Neste cenário, ainda poeta, Arnaldo Jabor desponta, como intérprete do curso. Assim sendo, a tradução e — indiretamente —, o compasso e a régua para a eclosão do cinema direto no Brasil devem muito a Jabor: parte do sustento tecnológico do cinema novo veio com dois aparatos cedidos ao Mam (RJ), por Sucksdorff. Um Nagra (gravador portátil, de fácil transporte) e a moviola (em que foram montados *Vidas secas*

e *Deus o diabo na terra do sol*) estão no legado do sueco trazido por Jabor. "O Joaquim Pedro de Andrade e o Eduardo Escorel estiveram nesse curso. Começaram, assim, a sair muitos dos filmes 'de rua' do cinema. Mais adiante, Jabor passou a ser o maior tradutor da obra de Nelson Rodrigues, isso dito pelo próprio Nelson. Foi o cineasta que mais se aproximou daquele universo", observa o cineasta Joel Pizzini. Estudioso da obra de Glauber Rocha e amigo de Jabor, Pizzini diz que o longa *Tudo bem* (1978), é um dos maiores títulos assinados por Jabor. "O filme continua muito atual. É um microcosmo do Brasil — há uma falta de perspectiva nos personagens, existem todas as diferenças (sociais) e se apresentam todas as dificuldades de se conciliar tantos caminhos. Ali está, num todo, o retrato do Brasil, quando se pensa em classes e desejos", explica.

Há um grande amor do brasileiro pelo fracasso. O fracasso é bom, porque nos tira a ansiedade da luta. Se já perdemos, para que lutar?"

Arnaldo Jabor

cineasta maravilhoso, e que fez cinema para história"

Orlando Senna, cineasta

"Minha cabeça foi feita pela geração do Jabor, que é um cineasta seminal na minha formação. Ele faz a crítica da classe média, logo depois do golpe, com *Opinião pública* (1967), primeiro filme verdade do Brasil, com análise do comportamento social. Quando o Brasil trilha um circuito excessivamente moralista, Jabor vai para Nelson Rodrigues, crítico em relação aos padrões morais.

Ele foi uma figura absolutamente fundamental no cinema brasileiro e na cultura brasileira: implacável, no preconceito contra o preconceito.

Silvio Tendler, cineasta

"Jabor é um dos pilares do Cinema Novo. Ele, na militância cinematográfica e política, como jornalista, teve por característica principal a paixão. Os filmes dele ficaram para sempre, não sendo datados. A preocupação de Jabor era muito grande com o Brasil."

Luiz Carlos Barreto, produtor

PREMIADO, POLÊMICO E CRÍTICO

Criador de poemas e peças, ainda nos bancos estudiantis, Arnaldo Jabor estudou cinema com o sueco Arne Sucksdorff, tendo sido, em meados dos anos de 1960, técnico de som do longa *Ganga Zumba* (de Cacá Diegues) e de *Maioria absoluta* (Leon Hirszman), além de assistente de direção de *Integração racial* (fita de Paulo César Saraceni).

Antes de criticar valores da classe média, na maior parte das vezes impulsionado por análises sarcásticas, o cineasta alinhavou a carreira com curtas-metragens, entre os quais *O circo* (1965), documentário com financiamento do Itamaraty, que mostrava a mímica relegada ao circo, e *Os saltimbancos* (1968), exame dos busker no país. Cineclubista desde a

Reprodução



Eu sei que vou te amar (1986)

juventude, Jabor foi consagrado como agente participativo da sociedade. Junto a personalidades como Nara Leão, Ziraldo e Fernando Sabino, numa porção ator, integrou o elenco de *Garota de Ipanema* (1967).

Com ação situada numa colônia em que há disputas de poder (da parte de corruptos), além de extermínio de negros, no século 16, o longa *Pindorama* (1970), do diretor, disputou a Palma de Ouro no Festival de Cannes.

As intermináveis reformas num apartamento de Copacabana deram chão para os delírios que juntaram

Reprodução



Toda nudez será castigada (1973)

proletariado, suburbanos e emergentes em *Tudo bem* (1978), com direito a Paulo Gracindo, Fernanda Montenegro e Zezé Motta no elenco.

Nos anos anteriores, personagens particularizaram a representação de instituições falidas, como no caso de *Toda nudez será castigada* (1973), vencedor de Urso de Prata (no Festival de Berlim), e *O casamento* (1975), inquietantes e ousadas adaptações de obras de Nelson Rodrigues. No exame impiedoso do desejo e das demandas sexuais, em que Darlene Glória entregou uma performance insuperável, Jabor

Reprodução



Eu te amo (1981)

escandalizou os conservadores de plantão. Tudo ao som de marcantes músicas de Astor Piazzolla.

Novamente sob a colaboração do roteirista Leopoldo Serran (de *Tudo bem*), Jabor se esmerou em *Eu te amo* (1980), estrelado por Sônia Braga e Paulo César Pereiro. Com luxuosa fotografia de Murilo Salles, o longa revela novas pulsões amorosas para uma ciranda de personagens, há pouco, desiludidos. Mordaz observador da decadência e da alienação, Jabor refinou a dramaturgia e alcançou sucesso em teatro, livro e longa, com *Eu*

Helena Barreto/Divulgação



Arnaldo Jabor, nos bastidores do filme *Meu último desejo*

sei que vou te amar (1985), originalíssimo texto de Jabor, com magistrais embates entre Thales Pan Chacon e Fernanda Torres, então com 20 anos, (premiado no Festival de Cannes, em empate com Barbara Sukowa, atriz de *Rosa Luxemburgo*).

Depois de 24 anos afastados da feitura de longas, em 2010, Arnaldo Jabor se aprumou para o virtual canto de cisne: *A suprema felicidade*, embebedor de memórias próprias. Para a total surpresa de muitos, 2022 ainda trará o filme testamento de Jabor, sob o enigmático título *Meu último desejo*, tudo baseado em Rubem Fonseca. (RD)